

ECHO
SONORO,

QUE DE METRICAS VOZES

Expressado retumba nos jubilos festivos,

Com que a muyto nobre, & sempre

Leal Villa

DE

SANTAREM

Se desempenhou no Triumpho

DO

AUGUSTISSIMO

SACRAMENTO

Em o dia glorioso de sua taõ devota, como magnifica

Celebridade, em o anno de 1723;

OFFERECIDO AO

PRECLARISSIMO SENHOR

S. THOMAS DE AQUINO

POR

FELIX DA SYLVA FREYRE

natural de Santarem.

COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS,
Anno de 1723. *Com todas as licenças necessarias.*

SONOROS ECHO

QUE DE METRICAS VOZES
Exortado retumba nos jubilos festivos,
Com que a mureta noite, & sempre
Leal Villa

DE
SANTAREM

Se descepcionou no Triunpho

DO
AUGUSTISSIMO
SACRAMENTO

Em o dia de sexta de Junho de 1723, como se vey
Cathedral, em o anno de 1723

OFFERCIDO AO
PRECIASSIMO SENHOR

S. THOMAS DE AQUINO

POR
FELIX DA SYLVA FREYRE
natural de Santarem.



COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus,
Anno de 1723. Com todas as licenças necessarias.



V A L E R O S I S S I M O
P R O P U G N A D O R D A F E ,

Terror dos Hereges,
Anjo das Elcollas,
Diliciofa Flor do Jardim Dominicano,
Rutilante Sol do Ceo da Igreja,
Doutor Eucharistico,

P R E C L A R I S S I M O
S . T H O M A S D E A Q U I N O .



Ara pregoar a verdade do Eucharistico Myfterio contra a rebelde contumacia de tantos hereges, que como sombra do Eftygio lago, se oppunhaõ a tanta luz, fostes Vos, ò prodigioza Flor do Aquino, hũ Angelico clarim, ou huma voz do Ceo; & para relatar a grandeza de seus applauzos, & a magnificencia de seu culto, he hoje a minha Muza Echo, que lhe naõ rezulta pequena gloria de o ser, adonde hũ Anjo he voz. A Vossa elevada nos esclarecidos voos da penna retumbou em todo o mundo; q̃ he condiçaõ das vozes, que sãõ grandes, ou virem se em toda a parte. Este Echo para lograr a mesma prerogativa, naõ se fiou dos voos da penna, entendendo, que lhe basta va prender se à Vossa voz: se lograr esta dita, naõ deyxará de a confessar aggradecida, q̃ o Echo todo he correspondencia da voz; & assim a pode merecer, quẽ dezeja ser Vosso devoto, &

Dignissimo Servo

FELIX DA SYLVA FREYRE.



AO LEYTOR.



Enevollo Leytor, talvez te pareça defanimado este Corpo de Oyta-vas, que te offerece a minha Muza, por lhe faltar o espirito, que vivifica o metro, & he alma do conceyto; se assim for, perdoalhe por cadaver. Com o parecer de varios sogeytos doutos, leva as margens, q̄ lhe ves, para que fazendo se facil á percepção dos imperitos, lhes seja desta maneyra aggradavel; que para os sabios bem ávi-
sta leva os defeytos.

Vale.



EM LOUVOR DO AUTOR

Soneto.

E Ste Canto sonoro, Echo admirando,
Applaudindo este dia o mais jucundo,
A vosso raro engenho, alto, & facundo
Em memorias eternas vay gravando:
Estas metricas vozes retumbando
Na clara regiaõ, movel rotundo,
Celebrando ao Triumpho, em todo o mundo
Vaõ em vosso louvor mil vivas dando:
A pezar da Anciaõ forte, & potente
De tantas vozes o Echo altissonante
Eterno ficará no globo ingente:
Pois he tal vosso engenho, sempre ovante,
Que perduravel faz, & permanente,
Ao que a existir naõ chega hũ breve instante

De Diogo Nuno de Anbaya Pito.

AO AUTOR

Oytavas.

D Ame hum rayo de luz, Phebo sagrado,
Com que possa louvar eternamente
Este, que exprime a voz, Echo admirado;
Em douta erudiçaõ, lyra eloquente:
Vós, Sylva insigne, & de engenho sublimado,
Descrevendo ao Triumpho mais decente,
Fazeis, que nesse Templo da Memoria
Publique a fama a vossa altiva gloria.

Tanto os diques largais à subtileza
Neste Echo, que expressais altissonante,
Que de Aríon o suave se despreza,
Ouvindo a vossa voz sempre elegante:
Nesta de excelsão cume augusta empreza
Tribute o Louro Deos a palma ovante,
Pois só vosso discurso he, quem merece:
O diadema immortal, que a Nympha téce.
De Rodrigo Xavier de Vasconcellos.

EM LOUVOR DO AUTOR

Romance Heroico.

Com tanta erudição do Sacramento
Augusto descreveste o Regio Applauzo,
Que se era assombro a vista do Triumpho.
Fica nesta inscripção mais admirando.
Imperiozo poder facundo ostentas,
Fazendo sempiterno o alivio humano,
Pois, que ao gosto caduco de huma hora
Nesta empreza sem fins tens aumentado.
Com muyta propriedade ao vivo pintas
Os lustres do Triumpho celebrado;
Porque animando aos raios da pintura,
Deyxas, do que acabou, vivo retrato.
O' Como heroicamente o teu discurso
Com alma os seus productos vay formando,
Sendo os conceytos, que este em si vincula
Da tua fama clarius, vozes do applauzo.
O' como nesta empreza judicioza
Ao teu nome feliz, fazes preclaro,
Pois nos campos do eterno lhe erigiste
Das aureas producçoens chrono elevado.
Naõ será reprehensivel o applaudirte

De flammante luzeyro do Parnaſo,
Pois teu metrico ardor te constitue
Das Muſas reſplendor, de Apollo rayo:
Quantos ſaudolamente careceraõ
Das glorias, que o Triumpho hia oſtendendo:
Em teu Echo ſonoro a poſſe lograõ,
Do jucundo prazer luſtre paſſado,
Eſſe, que foy no toque ſonoroso
Do mundo ſuſpenſaõ, de Thebas paſmo,
Em teu canto elevado, & ſuſpendido,
A ſua lyra ſomente hoje ao teu canto.
Aquilinos engenhos he que podem
Decifrar teu diſcurſo altivo, & claro,
Em que ao ſol te aſemelhas, pois ſomente
Aguias a comprehender chegaõ ſeus rayos.
Eſta empreza, facundo, & douto Sylva,
De teu metrico ardor vivente parto,
Se principia em Echo o mais ſonoro,
Retumbando dà ſim no melhor brado.

De Manoel Carvalho da Sylva

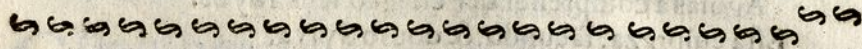
AO AUTOR

Decimas

Sylva de varia liçaõ,
Como te hei de engrandecer,
Se as vozes, que a Muſa der,
Vence eſte Echo em locuçaõ?
So me parece razaõ,
Se tu licença me dàs,
Que ao prelo ſem louvor vas;
Pois como te hey de applaudir,
Se a voz ſe não ha de ouvir
No eſtrondo, que eſte Echo fas.

Sey, que para emprezas taes
Tal dita A pollo te deu,
Que confunde hum Echo teu
As altas vozes dos mais:
Todas lhe saõ desiguaes,
Porque todas vence em fim;
Se for ignorancia em mim,
Engenho mais superior
Julgue da voz o clamor,
Se retumba o Echo assim.

De Nicolao de Britto Cardozo



AO NOME DO AUTOR

FELIX DA SYLVA

Epigram.

*M*acte animo, macte ingenio, Felixque laborum,
Non bene nata tuo Nomine Sylva venit.
Spinarum fœcunda solet, non esse rosarum
Sylva, indocta, rudis, non ratione vicens.
Sylva tamen peregrina tua est, peregrina reportat
Munera, supremo non nisi danda Deo.
Gloria cui grandis doctos tibi ferre labores,
Seque simul tanto fœnore grandis bonos.

De hum Anonymo

ECHO

I.

Ramalhete do Pindo o mais frondoso,
 Dezenho singular de hum Deos querido,
 Sacra Calliope, Archivo prodigioso,
 Guarda do Numen mais esclarecido:
 Igualame ao meu plectro sonorofo,
 Quantas escreveo calamo encendido,
 De claros esplendores adornadas,
 Em papel de Zafir, letras douradas.

II.

Esse do quarto Ceo Phenix brilhante
 Dos productos de Ofir azas batia,
 Cobrindo a desnudez da idade infante
 Do mesmo resplendor, que elle vestia:
 Quando sem dezatarlhe o laço amante,
 Que em doce paralelo ambos unia,
 Das luzes, que nas plumas scintilava,
 Astros tres vezes seis clarificava.

III.

Era nessa estaçãõ, que a Deosa Flora
 Com fios de esmeralda os rubins ata,
 Recolhendo essas perolas da Aurora
 Em conchas de finissima escarlata:
 Quando a Deosa de aggrados roubadora
 Nos mappas de Vertuno o Ceo retrata,
 Paraque em verde esfera a roza seja
 Estrella de Carmim, da Aurora enveja.

C

IV. A ma-

IV.

A matutina luz no Etherio abria
 Esse da luz flammigero thesouro,
 Gala de azul esmalte o Ceo vestia,
 Que o Sol bordou depois cō flores de ouro:
 Em purpura banhada amanhecia
 A terra, independente do Astro louro,
 Porque em qualquer das Damas, q̃ ostetava,
 Huma estrella luzia, hum sol brilhava.

V.

Amanheceu o dia venturoso,
 Narciso de si mesmo enamorado,
 A prazivel, alegre, & deleytoso
 Em puras candidezes naufragado:
 Nesse de Phebo espelho luminoso
 Se vio desvanecido, & idolatrado,
 Que das mesmas idades pertendido
 Era Adonis gentil, bello Cupido.

VI.

Nelle se recordava aquelle dia,
 Em que de Christo a amante caridade,
 Nos pelagos do amor fluctuando ardia,
 Sem naufragar a sua immensidade:
 Quando, porque abatido ao homem via,
 Sobre-elevou o humano à Divindade,
 Fazendo, porque hum ser Divino tomem,
 Que os homẽs fossẽ Deos, sẽdo Deos homẽ.

VII. Da

VII.

Da terra o preclariſſimo Senado,
 De zelo religioso conduzido,
 No obſequio festival todo apurado,
 A darlhe ſe applicou culto devido:
 Deſſe Areopago auguſto ao mais prezado
 Cylleneo, o ſeu poder foy transferido,
 Por conſeguir no ardor, que o peyto encerra,
 Gloria a Deos, luſtre a ſi, tymbres á terra.

VIII.

Dos Tribunos o Excelſo Preſidente,
 Que illuſtra como ſol taõ clara eſfera,
 Negando-ſe ao repouzo, hum rayo ardente
 De brilhadora luz nas noutes era:
 Fez ornar do produçto mais decente,
 Que em camas de eſmeralda o bicho gera,
 A terra, porque foſſe em breve enſayo
 Artificial Abril, fingido Mayo.

IX.

Logo por ſe impedir do tempo vario,
 As que ſem tempo por forma, figuras,
 Os ares contra o influxo planetario
 De armas brancas trajavaõ veſtiduras:
 Mas o recato foy deſneceſſario,
 Que para ſerenar dezenvolturas:
 A gala, que qualquer das ruas veſte,
 Nas cores ſe oſtentava Iris ceſte.

*Eſtavaõ
 as ruas to-
 das tolda-
 das.*

X.

Os mais nobres de seus habitadores
 Tanto as proprias boninas desprezaraõ,
 Que em panos de dourado tũssu as flores
 Pelas janellas fóra entaõ deytaraõ:
 De seu fingido Abril nas varias cores
 As flores naturaes nacar libaraõ,
 Se acazo para taõ rico thesouro (ro.
 Naõ veyo o Abril dormir em colchas de ou-

XI.

Do Senado a soberba perspectiva
 Duvidosa se fes por qualquer parte,
 Se o artificio lhe deu alma nativa,
 Se Flora lhe infundio primores da arte:
 Dessa esquadra campal vegetativa
 Dezafiava ao mais florido Marte,
 Que para se laurear de eterna gloria,
 Tinha numa só flor certa a victoria.

XII.

Guarnecidos de telas primorosas
 Se ergueram seis magnificos altares,
 Que da Arabia feliz queymando as rozas,
 Nublaraõ de fragancia os vagos ares:
 Qualquer delles às cauzas luminosas
 Elevava obeliscos singulares,
 Dezejando do movel cristallino
 Tributar hum planeta ao Sol Divino.

ECHO SONORO.
XIII.

13

Logo se vio de Marte a voz tremenda
No bellico instrumento articulada,
Como para ostentar Marcial contenda,
Luzidos esquadroens de gente armada:
Marchava toda ao som da caixa horrenda,
Nos Mavorcios dictames ajustada,
Parecendo huns aos outros subsequentes
Senfiveis torreoens, muros viventes.

A. Ordenança da Villa, & do termo.

XIV.

Mandou Vertuno a fresca primavera
Em bovina caterva reconducta,
Que para o cham cobrir, do campo erguera,
As alcatifas de esmeralda bruta:
A Deosa, que em fragrante throno impéra,
Desse florido Ceo astros tributa,
Dando a entender por modo soberano,
Que ella as flores teceu, Vertuno o pano.

68. Carradas de Espadana.

50. Bestas carregadas de flores.

XV.

Deste, que Flora fez mimo fragrante,
Vinha qualquer dos brutos guarnecido;
Como viria à turba vegetante,
Se o mesmo irracional vinha florido?
Rompe os ares da tuba o echo errante,
E o concurso no applauso suspendido,
Assombrado de taõ regios primores,
Via ao som dos clarins baylando as flores.

Ao mesmo.

D

XVI. De

O viftozo,
Caprazi-
vel carro
dos Horre-
loens.

De armaçoens vegetaes vinha adornado

Hum plaustro com viftofa bizarria,

Que sobre effe elemento mais pezado

Florida exalaçaõ correr se via:

De frondofos labores matizado,

Errante primavera parecia,

A quem dera em beneficos tributos

Amphitrite os criftaes, Pomona os frutos.

XVII.

As ban-
deyras dos
officios, &
os officiaes
com os ca-
stellos.

Pallas toda no applauso em dezafio,

Dava aos ventos as flãmulas guerreyras,

Porque Marte, ostentando o mefmo brio,

Preparava os castellos de bandeyras:

De purpura volante effe ar vazio

Enchem dos dous as bellicas fileyras,

Mostrando, pellos ares tremolada,

Na propria guerra a paz significada.

XVIII.

O maeftro.

Pelo vento o carmim se repartia,

E se alegre sofria ao vento irado,

Era só, porque emtaõ viftofo dia

Os ares se vestiffem de encarnado:

Indaque Phebo de ouro as guarnecia,

Sempre o carmim lhes dava ayroso aggrado,

Porque lhes davaõ livres de defdouro

Alva a neve, elle a cor, toucado o ouro.

XIX.

Sucedeu-lhe o prodigio inimitado
 Aquelle invicto Heróe, Marte animoso,
 Que vestio da virtude o arnez dourado
 Contra as forças do Reyno tenebroso:
 Sobre hum bruto veloz vinha montado,
 Aborto desses ares prodigioso,
 Que inda humilhado a tanto rendimento,
 Se hum pizava , bebia outro elemento.

S. Jorge.

XX.

Sobre hum ginete rapido montava
 Outro Heróe, que nenhũ quer lhe preceda,
 Que em suaves Favonios tremolava
 Abris de tafetá, jardins de seda:
 O brio no valor equivocava,
 Sem que Marte esta ditto lhe conceda,
 Que para o deslustrar ayroso , & forte,
 Guerreyro Adonis he , gentil Mavorte.

*O Afeto
de S. Jorge.*

XXI.

Outro levava a lança venerada,
 Que na guerra, & na paz de toda a forte
 Foy da inviſta Bellona respeytada,
 Foy temida do intrepido Mavorte:
 Naõ perdia no ocio descansada
 A fama , que adquirio no braço forte,
 Pois como prenda, que he de heróico peyto,
 Tanto vence em valor , como em respeyto.

*O Page de
S. Jorge*

*Cavallos
á mão.*

Estribava a lustrosa comitiva

Em seis brutos, que o Zephyro gerara,

E a natureza prodiga, & excessiva

De velozes Mercurios os calçara:

A furia na razaõ aurea cativa

Mongibellos ardentes respirara,

Se os alentos dos Etnas abrazados

Naõ ficaraõ na escuma naufragados.

*Os tres
Reys Ma-
gos.*

De donde em pavilhaõ de resplandores

O berço tem a Delphica Deidade, (res,

Tres Reys, que saõ no Emypyreo Emperado-

Eraõ tres oblaçoens da Divindade:

Nas esferas de affectos superiores

Brilhavaõ soes de immensa claridade,

E, o que da noute tem a sombra escura,

Podia à Aurora dar candidez pura.

Fama.

A Deidade veloz, que os orbes corre,

Huma vez verdadeyra, outra mentida,

Hum monte irracional, vivente torre,

Vinha de tersa prata guarnecida:

De donde nasce o sol the donde morre,

Restituindo à luz brilhante vida,

Chegará desse brio, em que se inflamma,

Fama eterna de sua propria Fama.

XXV.

Seguia-se a virtude prodigiosa,
 A quem no paço ethereo a mão Divina,
 Dos dous astros à pompa luminosa
 Corre na posse a funebre cortina:
 Era o Etonte na cor porção vistosa
 Do Apenino candor, da neve Alpina,
 Que por ser desta Aurora folio breve,
 Deu alento ao candor, deu vida á neve.

XXVI.

Era a outra o baixel incontrastavel,
 Que sabe só deytar com brio ardente
 Do pelago do mundo miseravel
 La no porto celeste o ferreo dente:
 Sobre hum bruto, Pyroes inestimavel,
 Que hum Vezuvio voraz, hum Etna ardente
 Soberbo, em cada alento despidera,
 Se nas cinzas da pelle os não cobrira.

XXVII.

Outra virtude então resplandecera,
 Que por ser entre as mais astro incendiado,
 Tem melhor, do que o sol a clara esfera,
 Esse Empyreo de luzes guarnecido:
 Hum monte de azeviche o animal era,
 Que de flores de nacar revestido,
 A vista duvidozo se fez logo,
 Se era o bruto carvaõ, se o nacar fogõ.

XXVIII. Da

Fé

Esperança.

Caridade.

Europa. Da idolatrada Europa o ayroso alinho,
 Renovava de Jove o doce aggrado,
 Que nos suaves grilhoens de seu carinho,
 Deyxava ao soberano ir arrastado:
 Veste o bruto, em que vay, candido arminho,
 Que de listoens purpureos adornado,
 Parece, que Amalthéa de envejosa
 Desfolhou no candor da pelle a roza.

XXIX.

Roma. Seguio-felhe esse abyfmo portentoso,
 Essa cidade em tudo soberana,
 Que foy da Aguia Imperial ninho famoso,
 E he do summo Pastor aurea cabana:
 Do thefouro, que leva prodigioso
 Hum soberbo animal, tanto se ufána,
 Que ás esferas celestes conduzido,
 Cuidou lhes restituia o sol luzido.

XXX.

Asia. Logo se vio do Orbe o quarto, adonde
 No soberbo turbante se dilata
 Essa, que, quando o sol no mar se esconde,
 Brilha nos Ceos em lamina de prata:
 Thefouro he, que nenhum lhe corresponde,
 Poes tanta prata, & ouro em si recata,
 Que se ao bruto soltara azas luzidas,
 Fora Cresso veloz, & errante Mydas.

XXXI. Hiá

XXXI.

Hia como cabeça essa Cidade,
 Que há sóes era de Deos a mais querida,
 Relicario de toda a Christandade,
 Se verdugo ja foy da melhor vida:
 Era hum retrato fiel da honestidade,
 Que de modestia toda revestida
 Dava sobre o animal, que entã regera,
 Noticia do que foy, mais de quem era.

Jerusalém.

XXXII.

Essa porção de monstros só fecunda,
 Nos vistosos adornos disfarçada,
 Illustrava da machina rotunda
 A pompa em quatro estancias dilatada:
 Era dos Ceos á lamina segunda
 Da idéa oppozição callificada,
 Que se no branco Cysne o ar medira,
 Novo Mercurio o sol na esfera vira.

Africa.

XXXIII.

A Marte admiração, ao sol respeyto,
 Dava nesta de luz clara remeça,
 O grande coração do Egypcio peyto,
 E do corpo Africano alta cabeça:
 Sobre hum bruto, que á redea entã fogeyto
 Naõ quer, que a agitação dos ares meça,
 Por ser ao non plus ultra da figura
 Columna de animada architectura.

Cayro.

XXXIV. Vi-

America. Vinha do mundo a parte mais distante,
 Que a Deidade gentil da luz Phebea,
 Abraza no esplendor flammigerante,
 Quando as madeyxas Delphicas pen tea:
 Acredora se fez da palma ovante,
 Indaque a vista tem da noute fea,
 Porque regendo ayrosa o monstro altivo,
 Joya brilhava de azeviche vivo.

Bahia. Levou, como cabeça prodigiosa,
 Em que o primor se amplificara da arte,
 De ultra mar a Cidade populosa,
 Em que os Santos do Ceo todos tem parte:
 Era de Phebo emulacão lustrosa,
 Sobre hum bruto, que enveja o altivo Marte,
 Por despender veloz fogoso alento,
 Dos quatro ao mais purissimo elemento.

Adolaria. No fim destes prodigios singulares,
 Em perspectiva foy de horrendo vulto
 Esta, que ao Dragaõ feo erige altares,
 Para lhe tributar funebre culto:
 Quiz o bruto escalar os vagos ares,
 Por expellir de si taõ grande insulto,
 Que se admirava entaõ na quelle extremo
 Da barca de Plutaõ funesto remo.

XXXVII.

Vio-se hum carro do Sol, mas Sol Divino.

*Carroça
triüphal.*

Que o plaustro celestial da quarta esfera

Despira o resplendor mais peregrino,

Só por trajar da sua primavera:

Em diversos brutescos o ouro fino,

Como Rey dos metaes resplandecera,

Ea prata, que nos lustres o igualava,

Se a feria hum reflexo, outro a animava.

XXXVIII.

Naõ sey qual destes dous metaes luzidos

O mesmo.

Ficou do vencimento alli postrado,

Sey, que o campo, onde foraõ competidos,

Todo estava de purpura banhado:

He certo, que da luz ambos feridos,

Se mostrou cada qual exasperado,

Vibrando, porque ao sol vencer intente,

No minimo reflexo hum rayo ardente.

XXXIX.

No cume desta maquina elevada

O mesmo.

Toda a gloria do Ceo se descubria,

Porque levava a esfera figurada,

Donde o Divino Sol brilhando ardia:

Huma de Serafins legião sagrada

Veneração submissa lhe rendia,

Que com dous cortezãos do claro assento

De muytos sóes fazia hum firmamento.

XL.

O mesmo. Das feytas refutando o erro infano,
 Do Sacramento a graça discorrendo,
 Esse Anjo das Escollas Soberano
 Em pergaminhos de ouro hia escrevendo:
 Do Manicheo, do pessimo Arriano
 As duvidas mais fortes rezolvendo,
 Vinha arrastando aos pés do Sol mais puro
 Dous humanos Leões do lago escuro.

XLI.

O mesmo. Prende Adonis gentil de lindo agrado
 Dos brutos o furor com aurea liga,
 Hum, que sendo do Ceo Anjo elevado,
 Se prezava de ser do plaustro auriga:
 E para que nesse evo dilatado
 Qualquer dos animaes triumphos configa,
 Do carro celestial disfarça o pezo,
 Que o mesmo irracional sente o desprezo.

XLII.

A Cruz da collegiada. Nas insignias, & tarjas das figuras,
 Hiaõ vistosamente laureadas
 As flores dos jardins das Escrituras,
 Caractêres das paginas sagradas:
 No sentido allegorico taõ puras,
 Aos seus objectos taõ porporcionadas
 Como se lá nos seculos passados
 Foraõ triumphos taes premeditados.

XLIII. Ago-

XLIII.

Agora atheque o Triumpho finalize,
 Tudo quanto nos jubilos reparte,
 Aliffa (porque a gloria symbolize)
 Das Murças o Crucifero estandarte:
 E porque em tanto lustre se devize
 Pertencerlhes do obsequio a mayor parte,
 Mostrava do estandarte esse portentoso
 A fonte, donde viera o Sacramento.

*A Cruz
da Colle-
giada.*

XLIV.

Em purpura banhada de alegria,
 E tambem no candor da Fé banhada,
 A devota familia succedia
 De Christo ao parentesco mais chegada:
 Aumentando de Tyro a bizzarria,
 Se ostentava em floresta dilatada,
 Parecendo por linhas numerozas
 De artificial carmim, ramaes de rozas.

*Irman-
dades do
Senhor.*

XLV.

Com agrado gentil, com lindo rosto,
 Viofe aquella da Fé firme columna,
 Que à roda se entregou com tanto gosto,
 Porque nella buscava a da fortuna:
 Era às luzes do sol emulo opposto
 Sobre hum brilhante andor, aurea tribuna,
 Ou florido jardim, em que se via,
 Como roza, brilhar de Alexandria.

*Andor de
S. Catha-
rina.*

XLVI. Do

ECHO SONORO
XLVI.

*Andor
de S.
Crespim.*

Do dragaõ às diabolicas cautellas,
Era escudo da Gloria soberano,
Hum, que para brilhar sobre as estrellas,
Foy prodigioza luz de hum sol Romano:
Esse, a quem de aromaticas capellas
Laureou o malefico tyranno,
Sendo do fogo a chama transitoria
A Rectiovaro inferno, a Crespim gloria.

XLVII.

*Andor
de S.
João
Baptista.*

Em coro de boninas ajustado
Admirava suspenso a Deoza Flora,
Desse Empyreo o clarim mais afinado,
A Voz là do dezerto a mais sonora:
Esse Divino Orpheo, Amphiaõ sagrado,
Que com lyra vivente exclamadora,
Conduzio coraçoens, penhascos duros
Da Thebas Celestial aos altos muros.

XLVIII.

*S. Miguel
com as
Almas.*

Era do objecto entaõ vistozo enleyo,
Vestindo ayrozamente o arnez dourado
Esse, que rayo foy do dragaõ feo,
Là nas fragoas celestes fabricado:
O que a cara ja mais vio do receyo,
De superior impulso arrebatado,
Tirava generozo nas empresas
Ao Trifauce infernal candidas prezas.

XLIX. Com

XLIX.

Com regia ostentação se conduzia
 Do artificio hum producto magestozo,
 Que no peyto do Triumpho parecia
 De diamantes hum broche primorozo:
 No engaste superior brilhar se via
 O Pay do melhor Sol, da Aurora Espozo;
 A pedra mais precioza, a mais preclara,
 Que na orbicular roda se lavrara.

*Andor da
 S. Jo-
 xeph.*

L.

Admirou-se de aggrados roubadora,
 A que da Lua calça, & do Sol veste,
 Do mais Divino Sol, candida Aurora,
 Da flor de Nazareth, Jardim Celeste:
 A do Senado augusta illustradora,
 Em quem, por desmentir-se de terrestre,
 A fama deste Delphico conclave
 As azas implorou da melhor Ave.

*Andor da
 N. Senho-
 ra da Ca-
 mera.*

LI.

Logo depois por hum, & outro lado
 Brilharão os luzidos resplandores,
 Daquelle, que colheu sol abrazado
 Desse jardim da Cruz as cinco flores:
 Esse Ceo cá na terra abreviado,
 Exposto a receber de Deos favores,
 Por guardar com verdade, & com pureza
 Os mais ricos thezouros na pobreza.

*As Com-
 muni-
 des de S.
 Francisco.*

*A Com-
muni-
de de S.
Agost.*

Seguem-se da Aguia os filhos generozos,
Que dos eternos bens na fede ardia,
E os candores bebeo maravilhosos
Dessas virgineas fontes de MARIA:
Essa, para que os filhos prodigiosos
Vençaõ do monstro horrendo a tyrannia,
A todos com sublime, & regia traça
Alistou nos exercitos da Graça.

LIII.

*A Com-
muni-
de de S.
Domi-
gos.*

Sucedem-lhe da Estrella Castelhana,
De esplendores caterva numerosa,
Que liba com virtude soberana
O nacar celestial da melhor Roza:
Essa luz immortal da Tocha Hispana,
Flagello da caverna tenebroza,
Sendo à despertaçaõ da eterna morte
Do luminoso caõ latido forte.

LIV.

*Os Cle-
rigos.*

Modulava, em dous córos dividido,
Do Sacramento os Hymnos celebrados,
Esse da Igreja Mãe jardim florido,
Concurso alegre de jasmins nevados:
A Deos todo no culto offerecido,
Ao Ceo todos no obsequio consagrados,
Preclara geraçaõ, que o lustre deve
Ao Principe mayor, que a Igreja teve.

LV.

Honorificamente o acto exornaõ,
 Ostentando qualquer sagrado alinhõ
 As Murças, que de negro esmalte adornaõ
 Ao da sobrepeliz candido arminho:
 Sonorosos Orpheos taes vozes ornaõ,
 Que abrindo esse celestes pergaminho,
 Solicitavaõ verse remontadas
 No proprio pergaminho encadernadas.

*Aos Co-
negos.*

LVI.

Para docel do Augusto Sacramento
 O artifice obrou mais apurado,
 De aurea tela hum magnifico apozeno,
 Sobre argenteas columnas fabricado:
 Naõ brilhara com tanto luzimento,
 Se na esfera do sol fora lavrado,
 Por ser do eterno Rey, q̃ o Empyreo encerra
 Movediço palacio cá na terra.

LVII.

Movia-se de antigos Senadores,
 Esta maquina excelsa ao grave passo,
 Seis do sol rutilantes esplendores,
 Se ao furor de Mavorte escudos de aço:
 Possuidos de affectos superiores,
 Vinculados da Fé ao forte laço
 Tributavaõ profunda reverencia
 Ao milagre mayor da Omnipotencia.

LVIII. Nas

Nas prizoens de oyto estrellas luminozas
 Thuriferarios oyto o objecto admira,
 Abrazando qualquer gomas cheyrozaz,
 Dos troncos, de que a Phenix fas a pyra:
 Suffocada em fragancias prodigiosas
 Essa grande regiaõ do ar se vira,
 E se algum instantaneo alivio achava,
 Nos alentos Arabias respirava.

LIX.

Nessas do amor de Deos chamas ardendo
 Se via o Serafim mais abrazado,
 Que no altar sacrificio offerecendo,
 He do celeste Rey throno animado:
 He certo, que lhe iria entaõ rendendo,
 Naquelle echo samente articulado
 Nesses do coraçãõ orgaõs viventes,
 Quantos respira o Amor Etnas ardentes.

LX.

Levara aquelle circulo luzido,
 Adonde com mysterio inexplicavel,
 A pomba amante, & ao Pay o Verbo unido
 Reyna em concumitancia inseparavel:
 Arca donde o Manà mais escondido
 Se adora, que no gosto deleytavel,
 Tanto excede ao que foi aos Hebreos dado,
 Quanto vay da figura ao figurado.

LXI.

Hia diante da arca o peyto amante,
 Que passou por decreto sublimado
 Do çurraõ para a purpura brilhante,
 Para o sceptro do rustico cajado:

David.

Dançaava ao som da lyra altisonante,
 Que afugentara alegre ao lobo irado,
 Unindo, por lograr a eterna palma,
 As mudanças dos pes, firmezas da alma.

LXII.

Ouvem-se entaõ no cantico afinadas,
 No jubilo festivo exclamadoras,
 Effas, que saõ por torres elevadas,
 Em bocas de metal linguas sonoras:

Os tambores, & as tubas argentadas
 Soltaõ tambem as vozes triumphadoras,
 Sendo os echos nos ares repetidos
 Nas vozes desiguaes, no applauzo unidos.

LXIII.

O Deos Marte, & Vulcano conspirados
 Soltaraõ, para justo dezafogo,
 Dos coraçõens de bronze ays abrazados,
 Dos corpos de metal almas de fogo:

E dos fumos os ares condensados,
 Com outra ostentaçaõ brillharaõ logo,
 Que o dia, porque mais gentil ficasse,
 Por sinaes os deyxou na branca face.

LXIV. Era

ECHO SONORO
LXIV.

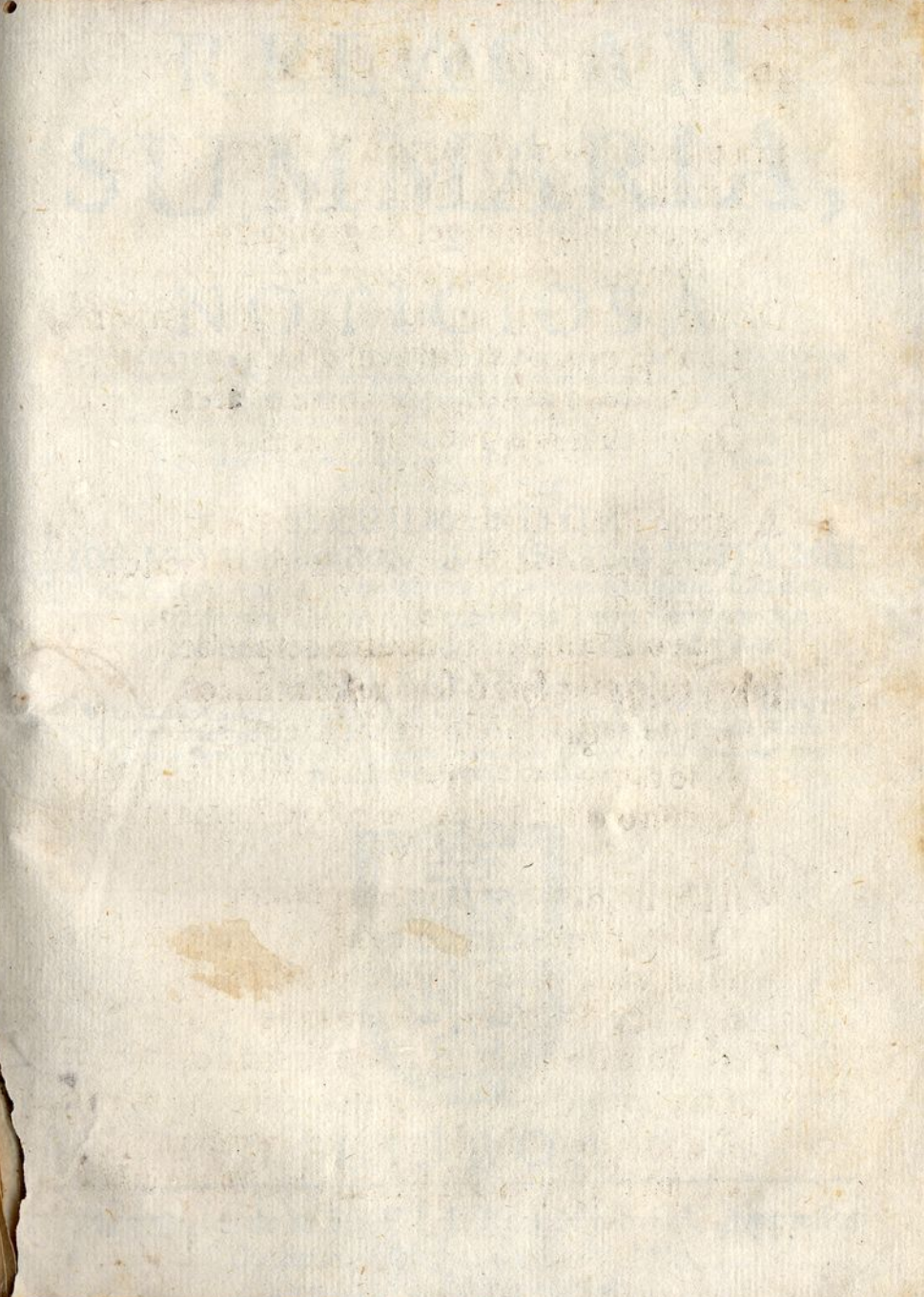
Era o Senado entã junto à Nobreza
Emulaçãõ do sol, lustre do dia,
Prototypo admiravel da grandeza,
E symbolo de toda a bizzarria:
Dando assumpto immortal a regia empreza,
E aos bronzes perduravel ufanía,
A Deidade gentil, que corre os ares,
Os vincûle nos evos circulares.

LXV.

Abate, ò Musa minha, os teus furores,
Se de grande esta acçaõ louvor pertende,
Cheguese áquelles rayos brilhadores,
Que o Lusitano sol noutra despêde:
Julga tu, quaes seraõ seus resplandores,
Se esta acçaõ taõ magnifica se attende,
E he tanto mais, que a tua, illustre aquella,
Quanto o sol brilha mais, do q̃ huma estrella.

LXVI.

Mal fizeste, ostentares sem segundo,
Quem daquella grandeza he breve ensayo,
Hum regato do Oceano profundo,
Se faisca daquelle ardente rayo:
Tece hum de flores só, ramo jucundo,
Das com q̃ o verde Pindo excede a Mayo,
E coroa humilhada a fronte augusta
De hũ Rey, q̃ ao sol aslombra, a Marte assusta.



1774

En vertu de l'ordonnance de Monsieur le Lieutenant
Général de la Province de la Louisiane, par laquelle
il est ordonné que les habitants de la Colonie
de la Louisiane, qui ont des terres à cultiver,
sont tenus de planter des nègres, ou des blancs,
ou des mulâtres, pour cultiver ces terres, et
pour servir les blancs, à proportion de la
quantité de terres qu'ils ont à cultiver.

Article de l'ordonnance de Monsieur le Lieutenant
Général de la Province de la Louisiane, par laquelle
il est ordonné que les habitants de la Colonie
de la Louisiane, qui ont des terres à cultiver,
sont tenus de planter des nègres, ou des blancs,
ou des mulâtres, pour cultiver ces terres, et
pour servir les blancs, à proportion de la
quantité de terres qu'ils ont à cultiver.

Monsieur le Lieutenant Général de la Province
de la Louisiane, par son ordonnance de Monsieur le
Lieutenant Général de la Province de la Louisiane,
par laquelle il est ordonné que les habitants de la
Colonie de la Louisiane, qui ont des terres à
cultiver, sont tenus de planter des nègres, ou
des blancs, ou des mulâtres, pour cultiver ces
terres, et pour servir les blancs, à proportion
de la quantité de terres qu'ils ont à cultiver.